

BRASÍLIA QUE ME CRIOU

Pedra fundamental do basquete

Pioneiro do esporte da bola laranja no DF, Pedro Rodrigues conta, aos 91 anos, como ajudou a modalidade a se desenvolver na capital, formando jogadores como o pivô Pipoka e desfrutando até de Galvão Bueno como auxiliar

» GABRIEL BOTELHO*

A relação de Pedro Rodrigues de Sousa com Brasília pode ser comparada a uma partida de basquete. Ele ganhou a disputa da bola ao alto e, tal como um armador, iniciou uma linda e vitoriosa trama nas quadras do Distrito Federal na formação de talentos. Não faltaram assistências, bandejas e arremessos de média e longa distância certos no desenvolvimento dos jogadores — e até de um locutor esportivo.

Natural de Patos Minas, o professor Pedro, de 91 anos, carrega nas mãos o orgulho de ter fomentado a educação, por meio do esporte, na recém-inaugurada Brasília da década de 1960. Embora tenha iniciado a história ainda no interior de Minas Gerais, o professor deu os grandes passos da carreira na capital federal.

A bola laranja praticamente ficou pela primeira vez na terra vermelha do Cerrado candango pelas mãos de Pedro. Deu assistência a diversas figurinhas e figurões no mundo do esporte. O pivô brasileiro João José Vianna, o Pipoka, campeão dos Jogos Pan-Americanos de 1987 com a Seleção Brasileira, em Indianápolis, e o narrador Galvão Bueno são alguns discípulos dele. Em entrevista ao *Correio*, o próprio professor, acompanhado por Rubens Cavalcante Júnior, 58, historiador do basquete brasileiro e amigo pessoal do precursor, esmiuçou a rica história vivida em Brasília.

Pedro Rodrigues de Sousa nasceu em 29 de junho de 1933. No interior de Minas, o então garoto alimentava a precoce paixão por esportes, especialmente pelo basquete. O sentimento o levou à capital mineira, onde se formou em educação física. Especializou-se em um esporte jogado com os pés (futebol) e em outro com as mãos: o preferido basquete.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Brasília tem inúmeros problemas, claro, principalmente estruturais. Mas, como sou uma pessoa otimista, sinto que são mais coisas boas do que ruins. Quando cheguei aqui, não havia quase nada. Hoje, ver tantos detalhes, tantas pessoas, tantos sonhos, é impactante"

Pedro Rodrigues Sousa, professor e treinador de basquete

A entrada de Brasília na história aconteceu seis anos depois da graduação, em 1962. Após ser aprovado em concurso da Secretaria de Educação do DF como professor do Centro de Ensino Fundamental Caseb, na 909 Sul. Aqui, fundou a Federação de Basquete de Brasília. "Ele é um personagem ímpar na história de Brasília. Ajudou a redigir a certidão de nascimento do basquetebol da capital", conta Rubens.

Pedro, segundo o historiador, fez parte de todos os times pioneiros da capital federal na disputa de campeonatos. Fluminense de Brasília, Guará, time do Caseb, Vizinhança, AABB, Motonáutica e Minas Brasília Tênis Clube. Todos têm alunos/jogadores formados por ele. Também dirigiu todas as categorias da Seleção Brasileira, desde o estudante até o adulto.

O professor foi o comandante do Minas nas participações nos Jogos

Escolares Brasileiros de 1969 a 1992. "Eu dediquei boa parte da vida a massificar o esporte aqui. Não é possível falar da história do basquete em Brasília sem associá-lo ao nome de Pedro Rodrigues de Sousa", salienta o próprio, orgulhoso.

Enquanto trabalhava como professor de educação física pela manhã, no Caseb, contribuía, no contraturno, com o serviço de treinador de basquete com nomes como Magu, vice-campeão mundial

pela equipe de Franca (SP), e Pipoka. Todos foram revelados e lançados ao esporte por Pedro.

Outros, como Tônico, presente na equipe dos Jogos Olímpicos de Atlanta-1996, e Oscar Schmidt, outro campeão pan-americano em 1987, considerado o melhor jogador de basquete do Brasil em todos os tempos, passaram pela prancheta do comandante. "Ele foi, inclusive, professor do Galvão Bueno (narrador esportivo), quando ele veio morar em Brasília, aos 15 anos. Em 1969, Galvão chegou a ser auxiliar técnico do professor na Seleção Juvenil, durante a disputa dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs)", conta Rubens.

A habilidade para lidar com os alunos de forma carinhosa foi a marca mais importante. Durante o período de trabalho no Minas Tênis Clube, levava os atletas no próprio carro, para que pudessem chegar ao local dos treinamentos com mais facilidade. Foi campeão nacional em 1987 e 1989. "Ele colocava todo o time dentro do Opala dele. Além do sucesso na quadra, ele tinha esse aspecto humano. Mais do que atletas, ele formou homens, cidadãos", salienta Rubens.

"Brasília tem inúmeros problemas, claro, principalmente estruturais. Mas, como sou uma pessoa otimista, sinto que são mais coisas boas do que ruins. Quando cheguei aqui, não havia quase nada. Hoje, ver tantos detalhes, tantas pessoas, tantos sonhos, é impactante", comenta. "O que mais me orgulha é ter impactado as vidas de tantas pessoas. Tenho grande satisfação por ter sido um formador. Existem pessoas que nascem para servir e outras que nascem para ser servidas. Pedro Rodrigues nasceu para servir", complementa o professor, falando em terceira pessoa.

*Estagiário sob a supervisão de Marcos Paulo Lima

Gilberto Alves/CB/D.A.Press



Na cerimônia de homenagem aos jogadores que conquistaram o penta, em 2002, Vampeta foi a estrela principal ao, espontaneamente, dar uma cambalhota na rampa do Palácio do Planalto

Intimidade é dar cambalhotas no Planalto

» MARCOS PAULO LIMA

Como canta Renato Russo em *Eduardo e Mônica*, "quem um dia irá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração" de Marcos André Batista Santos. Quem um dia irá dizer?

O bebê Vampeta abriu os olhos em Nazaré das Farinhas, no Recôncavo Baiano, em 13 de março de 1974. Chutava a bola desde a barriga de dona Marlene Batista Santos. Mal sabia que o futebol encurtaria a distância de 1.402km entre o município de 27 mil habitantes e Brasília. Estenderia o tapete vermelho para duas recepções no Palácio do Planalto pelo então presidente da República, Fernando

Henrique Cardoso. Honras de Estado por ter participado de dois títulos com a camisa da Seleção Brasileira. O destino também reservou a conquista de um troféu pelo Corinthians, no Estádio Serejão, em Taguatinga, e até moradia na capital federal. Só sei que foi assim a construção do vínculo do ex-jogador com o nosso quadrado.

Em 1999, ajudou a Seleção a erguer a taça de campeã da Copa América, no Paraguai, e aterrissou em Brasília pela primeira vez. FHC desejava homenagear a delegação. "Foi a minha primeira ida ao Palácio do Planalto. Três anos depois, volto lá como campeão da Copa do Mundo", lembra, em entrevista ao *Correio*. Lembra criado o cordão

umbilical com a capital.

Em 2002, Vampeta fazia parte de um Timão do Corinthians comandado pelo técnico Carlos Alberto Parreira. E aqui desembarcava para a final da Copa do Brasil contra o Brasiense, no Serejão. O volante saiu do DF campeão direto para o embarque rumo à Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coreia do Sul. Não deu nem tempo de passar em casa.

A conquista do penta foi a senha para voltar a Brasília. A capital foi a primeira a receber os protagonistas. "Eu saio de Brasília campeão da Copa do Brasil para uma Copa do Mundo, e quando volto da Copa do Mundo, retorno a Brasília", ri. Bastou FHC abrir as portas para

ele deitar e rolar como criança. Vestido com a calça de moletom verde da Seleção e uma camisa 9 do Corinthians, chamou mais atenção do que o reluzente troféu passado de mão em mão na cerimônia.

"Jamais imaginei ir à rampa do Planalto para dar umas cambalhotas. Foi natural. O Brasil havia sido campeão. Era um sonho de criança. Escolhi ser jogador profissional de futebol e as coisas foram caminhando bem. Vesti a camisa da Seleção. Na minha primeira Copa do Mundo, voltamos com a taça. Parece que foi ontem, mas essa história faz 24 anos."

O cordão umbilical de Vampeta com Brasília não foi cortado. Em 2005, recebeu convite para

defender o Brasiense na Série A do Campeonato Brasileiro. Morava no Setor Hoteleiro, coração da capital, mas curtia a vida em uma outra região administrativa. "Eu gostava de ficar em Taguatinga. Tem muito baiano lá. Tinha uma senhora baiana que fazia acarajé", detalha.

Baiano de coração, brasileiro por adoção, Vampeta aprendeu a enxergar a cidade muito além das páginas dos livros de história. "Meus parabéns a Brasília por esse aniversário de 64 anos. Tudo o que se decide é em Brasília. Todos os poderes estão aí. Eu os respeito muito. Desejo tudo de bom ao povo candango. Um abraço do Velho Vamp", despede-se.